

Frequentador de café

Madame Rape, durante os quinze annos de seu primeiro consorcio, não teve lá muitas distrações, visto como seu marido, um dos mais fortes droguitas por atacado da rua Vernière, tinha o mau habito de passar parte das noites no café.

Muito bom negociante—mesmo um tanto trapaceiro, o que não faz mal a ninguém, o senhor Rape taes voltas dera aos ricinos e cacãos que a casa prosperava.

Encerrada o dia inteiro numa caixa de vidro, collocada no meio da loja e a tresandar cheiros activos, defronte do grande livro, Madame Rape tinha, no fim de cada mez, o prazer de verificar os gordos lucros arrecadados.

E como o fim da vida,—não concordam?—é empilhar escudos, aquella boa e ajuizada mulher, aquella correcta burguezia não podia deixar de fazer justiça ao marido.

Sómente o que acontecia é que, como fechava-se a botica ás seis e meia e jantava-se ás sete, o senhor Rape, acabada a sobremesa, pegava o chapéo e a bengala e só voltava a meia noite do Café do Gaz.

Madame Rape, que não tinha filhos, aborrecia-se a valer durante o serão, a bocejar impavida diante do ponto de meia.

Aos domingos e dias feriados, depois do meio dia, o droguita levava a passear a mulher um pouco e era quanto bastava.

Engulido que fôsse o queijo Roquefort ou o Camembort, o «senhor» escapava-se, como de costume, para o café, deixando a esposa sosinha; apenas duas ou tres vezes no inverno levava-a á Opera Comica, conforme o rito observado pela burguezia parisiense, e isso mesmo o senhor Rape lá ia como um cão tocado á vara.

Madame Rape, que era uma creatura incapaz de trahir os seus deveres, não podia, entretanto, sopitar uma surda irritação.

Seja-se, pois, uma mulher honesta; seja-se uma associada util e laboriosa; passe-se todos os dias n'uma prisão transparente, com a penna em punho a alinhar algarismos sobre um enorme registro, para que o vosso marido, como recompensa, prefira á vossa companhia a de uns cinco ou seis bebedores de bocks do mesmo jaez, por entre duas partidas de cartas ou de piquet, a predizerem a proxima crise do gabinete, o que não é lá, na verdade, cousa de mal, porque a França tem, em media, duas vezes por anno sua crise ministerial, mais ou menos como os inglezes que tratam-se por occasião dos dous equinocios.

Madame Rape foi, pouco a pouco, tomando birra do marido. Quando este morreu repentinamente, (desconfiai da atmosphera superaquecida dos cafés no inverno: um calor e um frio ao sahir e a cousa está arranjada), logo que elle morreu, a viuva consolou-se depressa, concedendo-lhe apenas uma quantidade de lagrimas razoavel.

Estava folgada: vinte mil libras de renda, sem contar com a casa de commercio, que produziria uma bella somma.

Acabava de completar os seus trinta e seis annos, e o espelho do seu tocador reflectia-lhe a imagem appetitosa dum moreno carregado, mau grado a sua pontinha de buço. Madame Rape, antes mesmo de expirar o praso legal, acariciou o projecto de se casar outra vez.

Ora, o primeiro caixeiro da casa era um tal Cozier, bom homem, antigo sargento, com aquelle ar de sujeito mal comportado que tanto agrada ás mulheres.

Em vida do defunto Rape, a patrão, de dentro da sua gaiola de vidro, não deixava ás vezes de olhar com certa benevolencia para aquelle solido patusco.

Como viuva, considerava-o um bom partido; antes de tudo, tinha mais precisão de vender os fundos e renunciar a ganhos legitimos.

O caixeiro era mais moço do que ella, vá feito; mas o espelho do tocador, o tentador maldito, affirmava á bella droguita que ainda podia ser amada. E depois, vejamos: «Madame Rozier» soava melhor do que «Madame Rape.»

E era a mesma inicial para a roupa branca e as pratas.

Seis mezes depois do enterro do droguita em que notava-se uma corda com a inscripção: «os habitués do Café do Gaz», a viuva contrahia segundas nupcias e, na taboleta da loja, por baixo do letreiro «Casa Rape» um pintor accrescentou: «Rozier, successor.»

Em Fontainebleau tudo correu muito bem durante os tres dias da lua de mel, mas após as primeiras noites em Pariz, Rozier, depois de levantar-se da mesa, tomava o chapéo e a bengala.

— Onde vaes? dizia-lhe a mulher já alarmada.

— Vou sahir um instantinho para respirar um pouco, respondia com o tom mais natural do mundo. Vou dar uma volta pelo café. Até já...

E só voltava á meia noite, tal como o defunto. Madame Rozier ficou consternada. Ah! iam reapparecer os interminaveis serões de tedio, de renda e solidão!

E o mais terrivel era que a desgraçada já adorava o marido, o qual, em materia de mulheres e amor, era mais versado do que o senhor Rape.

Ella reprimiu o despeito, interrogou com doçura o seu Achylles—elle chamava-se Achylles—por occasião do almoço.

— Vaes então todas as noites ao café?

A resposta foi desanimadora.

— Sem duvida, como todo o mundo... O patrão ia ao Café do Gaz, eu vou ao café da Guarda Nacional... tu sabes... na rua de Rivoli; estão a um tiro de espingarda um do outro.

— E na verdade, replicou ella, não preferirias ficar em casa junto de tua mulherzinha?

— Sim, por certo... mas que queres tu? Quando não saio depois do jantar, não digiro e durmo mal.

Eu concordo certamente que, em tua companhia, seria mais galante... mas tu tens necessidade de te deitar mais cedo.

E eu asseguro-te que é necessario, é mesmo indispensavel para um negociante ir ao Café. Ah! encontram-se conhecidos, sabem-se novidades, fazem-se negocios baralhando-se as cartas e depois... depois o que? ja estou habituado.

Para cural-o, ella lançou mão de todos os meios, supplicando-lhe e notou que era importuna: deu espectáculo e sentio que ia-se tornando odiosa. Já a desunião introduzia-se no casal e, apesar disso, madame Rape estava apaixonada pelo seu Achylles.

Então o amor inspirou aquella mulher positiva. O que é que podia attrahir os homens ao Café? A companhia? o meio? a decoração? Mas se elles tivessem tudo isso em casa, porque razão não ficariam nella?

O café em casa—tal era a questão. Ella tentou resolvê-la, a força de pedidos, decidiu o seu Achylles a passar algumas noites em casa com os seus camaradas, dando tratos ao engenho para que elles ahí encontrassem as voluptosidades especiaes que iam procurar no Café.

A casa soffreu uma transformação radical: a mobilia do salão foi substituida por mesas de marmore, presas ao chão, e por bancos forrados de molesquim.

O gaz veiu substituir os lampeões domesticos, o piano cedeu o lugar ao mostrador, onde madame Rape, penteada, empomadada a capricho, reinava entre edificios de bolos a punch e trophéus de colheirinhas. A sala de jantar foi transformada em sala de bilhar. O estabelecimento foi provido de toda a sorte de jogos de sociedade e generos de primeira qualidade; havia jornaes pregados em taboletas de madeira, entim tudo foi estudado e arranjado, nos minimos detalhes, para produzir uma illusão completa. Madame Rozier, por exemplo, conseguiu que o criado vestisse um jaleco curto e puzesse avental branco, deixando o mais de parte.

Elle aprendeu a melopéa particular para guiar—um bock para um, dar a reviravolta para levantar ruidosamente a cafeteira de metal, para não dar «banho de pes» no freguez, e até mesmo, para dar um requinte de côr local, não se esquecia, duas ou tres vezes por noite, de deitar alguns punhados de seragem por debaixo das mesas.

A principio, o senhor Rozier, seus amigos applaudiram esse bello rasgo de dedicacão conjugal, e o adoptaram tanto mais facilmente este novo café privado, quanto ahí os refrescos eram de graça.

Cada noite, depois do tradicional dedo de prosa á patroa, ao passar esta para o mostrador, elles tomavam os seus cachimbos, sentavam-se, e, sempre a orelha a sota, iam falando contra o governo.

Madame Rozier teve a dita de contemplar das nove á meia noite o rosto do seu Achylles, um pouco velado, é verdade, por nuvens de fumaça e ouvir, de quando em vez, a sua voz amada dizer: «acceito» ou ainda: «truifo».

A bella droguita desvaneceu-se então de ter encadeado junto de si o marido, de ter feito d'elle um homem caseiro, um guarda do lar. Mas esta chimera durou pouco tempo: ao fim de um mez, madame Rape notou que Achylles se aborrecia, experimentava uma certa tristeza, uma especie de nostalgia.

Os seus camaradas tambem pareciam atacados do mesmo mal.

Faltava-lhes alguma cousa; o que seria?

Muito inquieto, vendo que o sonho de reter Achylles em casa ia desvanecer-se, ella procurou expi-car-se com elle, ralhando-lhe com ternura:

— Ora, vamos... diz-me com franqueza; aqui não é a mesma cousa que no Café?

— Pois bem, não! respondeu elle. E' isto, e não é isto... Queres saber a verdade? Eil-a: Olha, aqui a cerveja não espuma bastante...

E, logo no dia seguinte, abandonando madame Rozier, desesperada, entre duas pyramides de torrões de assucar, Achylles e os companheiros regressaram novamente ao Café da Guarda Nacional.

FRANÇOIS COPPÉE

(Trad.)

Dryade...

Do sol, aos raios d'ouro e resplendentes
Vai pela alfombra, sob as ramarias;
Chuvos de flores, ondas de ambrozias
Tombam dos ramos tremulos, virentes.

Correm no azul as nuvens lactescentes,
As philomelas trillam melodias;
E perpassam-lhe á fronte as auras frias
Dessas manhãs de abril, frescas, olentes...

Eil-a no bosque; as longas tranças soltas
Sobre as espadas nitidas, revoltas
Nutam; bóia n'um pelago de goso...

No riso tem os iris da alvorada;
E, em extase, a canora passarada
Canta-lhe um hymno extranho e esplendoroso!

CINCINATO GUTERREZ.

Das «Filipendulas»

Um medico espirituoso

Com certeza os bons doutores acham-se muitas vezes em difficuldades, e todos se alegram com os seus pequenos contratemplos.

Mas é que ás vezes dam-se coisas muito picantes; prova-o este bom M. Ricin que, fazia muitos annos, tratava da gentil baroneza de Lamouette, uma mulherzinha tão jovem quanto encantadora, mas caprichosa, como um diabo e loquaz a mais não poder.

Seu medico ja conhecia isso, porque, sempre que tem de fazer uma visita em seu esplendido palacete do Faubourg, sahe fatigado dos detalhes demasiado abundantes que ella lhe dá sobre sua saude.

Um dia mandou-o chamar para tratá-la de uma enxaqueca. O facultativo encontrou-a em abandono sobre uma poltrona perto do fogão, e, apenas o Dr. Ricin cumprimentou-a, segundo o seu costume, a baronezinha nesta tarde mais prolixa ainda que nos outros dias, começou a detalhar todos os symptomas da molestia que sentia.

Foi então que o excellento homem para por um termo a esta expansão, recorreu ao seguinte espirituoso estratagemas.

Approxima-se da doente, toma-lhe o pulso e de repente:

— Mostre-me sua lingua, diz elle.
— Eil-a doutor.
— Ainda uma vez.
— Mas, doutor.
— Peço-lhe querida baroneza, sua lingua; goste mais de vel-a dez vezes de que de ouvil-a uma só.

A vida humana

1º ACTO

Ao surgirmos do-Nada á luz do dia;
Ao vivermos despidos de cuidados
E de ternas caricias só cercados,
Sem que nada nos traga uma agonia:
N'essa quadra feliz—a nossa infancia,
Em que tudo são sonhos côr de rosa
E a candida innocencia nos desposa:
—Da nosso vida: então, é a prima estancia.

2º ACTO

Quando desponta a aurora sorridente
Que nos arrouba ás grandes phantasias:
Quando vemos um mundo de alegrias
Por um prisma de veras convincente;
Quando a alma se sente embevecida
Pelo nectar das doces illusões:
N'esse amoroso arfar dos corações:
—Eis a segunda epoca da vida.

3º ACTO

Quando as leis do Dever e da Razão
Nos leva a traçar um novo rumo
E as illusões s'evolam como o fumo
A dar voz ao pensar e á reflexão;
Aa entrarmos das luctas na carreira
E de familia vermos-nos cercados,
Deveres só fruindo e só cuidados:
—Das phases da existencia é a terceira.

4º ACTO

Se o gelo da velhice nos invade,
Sulcando mui audaz a nossa fronte;
Se vemos extinguir-se no horizonte
O sol que nos doirou a mocidade;
E se o peso dos annos nos convida
A olhar em bem tenaz contemplação
A terra, nossa eterna e vil mansão:
—Está prestes a hora da partida.

LUIZ AGRESTE.

Janeiro de 1895.

O Louco

A' tardinha, quando o sol n'um pulverisamento de beijos mornos, espreguiça-se pelo occidente, enrubescendo os ceus, e os poucos trabalhadores—eram tantos, outr'ora!—de enxada ao hombro, voltavam a os lares, cantando e rolando, em surdina, as canções da infancia, tão velhas, mas tão queridas... á tardinha—vagueia pelas ruinas de casebres metralhados, pela sombria rua quasi deserta, longas barbas hirsutas, marcadas da neve dos annos, taciturno, braços cruzados ao peito, olhos dolentes e fundos, o louco do entulhado bairro.

E as crianças que, ás portas brincam, satisfeitas, erguendo trincheirinhas e batalhões, lembrando maguas em sua alegria, recordando pezares em seu contentamento, mal o avistam, ao longe, apressadas, ligeiras, espalham, desmancham, com o pesito nú, os

monticulos de areia e ossos, e ficam silenciosas, a espera que o velho passe, a monologar tristonho e a parar aqui, ali, indifferente, absorto, desgraçado!

—Olá, Juvencio!

E ao cumprimento do trabalhador que o sauda, tambem como elle já de faces pallidas e cabeça a embranquecer, para o côitado, estendendo a dextra ossuda, de azuladas veias salientes, e então... voz cavernosa e dorida, como longo suspiro magoado em cavatina, monóloga, alto, o pobre...

—Pum... pum... São elles que voltam... Meu filho, que valente!... Tró... tró... tró... avançar... O inimigo debanda... Plan... plan... rataplan... Juca, coragem! Viva!

E o aldeão desprendendo a mão do velho amigo, sepulta, no fundo da camisa de riscado, as lagrimas que lhe marceiam os olhos, e triste, muito triste, evocando os bons tempos, põe-se em marcha ao lar, onde a metralha tambem esvaiou o berço de seu louro André, um anjinho, um mimo, o mais bello dos seus bons netinhos, como diz sempre, quando lhe indagam pelas creanças.

E o sol, n'um pulverisamento de beijos mornos, espreguiça-se pelo occidente, enrubecendo os ceus, e, pelas ruínas dos casebres derrubados, pela sombria rua quasi deserta, vagueia o louco, braços cruzados ao peito, taciturno, longas barbas hisurtas, indifferente, absorto, desgraçado.

RAUL D'ANVERS.

Desilludida

Rosas!... rosas!... rosas!...

Onde melhor irão ellas, do que n'um dia de noivado, do que n'um sonho de amor?

«Emquanto houverem rosas, dizia Maria de Siqueira a sua filha, que a escutava de pé, a primavera traduz-se pelo aroma suave d'essas flôres sem irmãs que perfumam o coração das noivas como tu.»

E descendo ao jardim voltou com uma braçada de rosas de todas as côres, de todos os feitios, crespas, lisas, repolhudas, a dizer-lhe, emquanto ella estendia o véo de filó de seda branca e contemplava um por um os artefactos que lhe mandara a modista, postos sobre o divan do elegante boudoir.

«Emquanto houverem rosas tudo resplende alegremente, haja a prova hoje, filha, em que ellas te vão tão bem, enfeitando até mesmo os meus cabellos já grisalhos que se tornam rapidamente mais prateados a fim de receber nas suas ondas de neve esta rosa côr de sangue.»

Rosas!... rosas!... rosas!...

«Vês, continuou ella, como brilham já n'esta jarra chinesa, já n'aquella do Japão e alli no teu quarto nupcial?»

E, ou não a rainha entre as mais flôres, as escolhidas dos poetas o emblema da pureza?

E, vão ás mil maravilhas quando tem-se a alma satisfeita, não é? Como estou eu feliz por cazares em Maio, o mez das flôres?

Ha mães que se entristecem quando as filhas cazam com receio de se tornarem avós... Com tudo porém, existe a sua compensação, não é assim? Sorris?

Estou com o meu espirito em festa; tenho-o alegre, entusiasta, por me revêr em ti que mais tarde serás mãe...

Que accordes sublimes não me afinarão os teus filhinhos n'alma, por serem para o meu futuro, outras tantas rosas de candura... e botões castissimos de innocencia!...

Como serei eu venturosa, quando elles já crescidos, ahi no jardim, sobre os meus joelhos, lhes ensinar a ler, e depois em ligeiras licções de botânica lhes fizer comprehender que os beneficios da vida são justamente as rosas do bem?»

Cacilda, toda pudica, franzina, mignon, com os olhos negros e redondos como duas contas de onix, volveu-os para o riquissimo vestido bordado a perolas, forma princeza, com enorme *train* debruado de arminhos, o corpete no mesmo genero, tendo, além das mangas estreitas uma outra pendente á semelhança das rainhas antigas!...

Sem rendas, nem flôres á granel, apenas para a magestade do todo, via-se um raminho de murta e flôres de lorangeira sobre o peito e a grinalda muito simples.

Limitado, o numero dos convivas, desejo do noivo um rapaz educadissimo, elegante, terno, cortez, que deixava perceber o pouco desejo que tinha de ver grande ruído n'uma festa que devendo ser toda intima, tornava-se de máo gosto certo ruído indiscrepto...

Bastava o seu amor, os parentes e... só!

Idealista, amante do bello, desmaterialisava um tanto o resultado do assumpto para encaral-o sob um outro ponto de vista melhor.

De accôrdo com Maria, cuja tempera artistica era bem pronunciada, preparara o quarto de dormir com tal desvello, que parecia um sonho oriental.

De mais, o véo que a modista mandára, não estava de accôrdo com a grandeza dos atavios. Para a filha, reservara um, de preciosas rendas, offerecidas a si pela madrinha no dia do seu consorcio, e que guardado na mesma caixinha de chorão em que viera, passado um anno servira para cobrir o berço de Cacilda, conservando-o depois como lembrança cara.

Vinte annos!... Uma existencia!...

Então ella era moça, cheia de rizos.

O véo, que lhe occultára a pudicicia, o rubor da donzella, era meiga recordação indelevel d'esse dia unico, pelo muito que emociona. Esse véo, symbolo de virgindade, descortinaria o horisonte da ventura

n'uma blandicia infinita, salvo se pelas dobras, o tortuoso ambiente da saudade empaidecessem as flôres que não mais se dilataram a fecundação do sereno de um legitimo amor.

Entao, os rebentos morrem pela pressão dos beijos do infortunio; e esse véo tao branco, tao diaphano como as azas das vaporosas borboletas, transforma-se em crape, vindo as desillusões arrancar uma por uma as pallidas folhas do outomno, precursor do inverno triste e sombrio de uma existencia desgraçada.

Em colloquio jovial, penteiou por suas mãos os negros cabellos da noiva. Em seguida, dispensando a criada, ajudou-a a vestir-se; collocou-lhe no seio uma roza, atacou-lhe o vestido com os requintes de conscienciosa camareira, mas com o desvello maternal, dando o ultimo apresto ás flôres da cabeça, agitando os longos retegos da saia, mirando-a depois feliz, embevecida...

Batia-lhe precipitadamente o coração. A filha era o seu retrato vivo; ella tinha sido bella assim.

Com tudo, os annos de Cacilda não lhe infundiam tristeza, pelo contrario, aquellas vinte primaveras, assemblavam-se a um barco ligeiro que só por si enche o horisonte do mar, sem encontrar ressaca nem escolhos.

Um mundo de pensamentos passava-lhe celere pela memoria, quando ouviu a bulha de alguns carros;—era elle que chegava.

Apressadamente dirigio-se a um armario antigo e tirou a caixinha, trazendo-a triumphante.

Que surpresa, que mimo para a noiva, semelhante a uma estatua, muito branca de emoções e de prazer. Ao abril-a cruel decepção!...

O tempo que tudo consome, diluira a custosa renda que em tarrapo cahia desapieadamente no assoalho.

Maria de Siqueira teve um grande choque, mas reflectindo sorriu.

Tudo na vida não é transitorio? Acaso resistem ás intemperies, as mesmas affeições?...

Ambas comprehenderam-se, beijaram-se.

O véo illusão, foi substituir o de rendas de Bruxellas de immenso valor.

Em recompensa, a noiva com celestial bondade nos ademanos, tirando d'agua a roza côr de purpura, ornou com ella os cabellos grisalhos de sua mãe.

Era d'aquella altar prateado que essa rosa pela ultima vez perfumaria as ondas de gelo das verdades da vida nas queridas recordações.

Rosas!.. rosas!.. rosas!.. como eu vos amo igualmente.

IGNEZ SABINO.

HORAS VAGAS

O' minha bella leitora,
Permitti que vos diga promptamente
A razão por que eu hoje, reverente,
Aqui estou.

Minha senhora,
Tenho aqui sobre a mesa uma cartinha
Pequenina, macia, perfumada,
Parece mesmo vir de alguma fada
Tão bem feita e mimosa é a letrinha;
E me pede que faça na *Estação*

Uma boa secção:
— Problemas, logogriphos e charadas.
E, quando eu não quizer 'star p'ra massa las,
Ella mesma virá
Trazer toda a materia necessaria.

Com uma tal promessa
Ninguém pode por certo resistir...
A secção ahi está.

*

CHARADA

(Zinha da Cunha)

Sou emblema de musa decantada,
O meu som tem em si tal harmonia
Que ao ouvir-o minh'alma estaiada
Se inspira de celeste poesia.—2

Mas aqui a poesia se evapora
Cahimos na cruel realidade
E vamos para o campo do torneio
Ao duello assistir, Não é verdade?—2

Forão trez do mesmo nome;
Uma donzella formosa
Que pelo pae foi amada.
Outra amou, foi desprezada,
Succumbindo de pezar
A ultima era da Thracia
E de tão grande valor,
Que com as armas na mão
Combateu com muito ardor
Salvando o pai do perigo
Desbaratando o inimigo.

*

DECAPITADA DO PRINCIPIO PARA O FIM

Vi na — uma — tamanha que era carregada por
uma — que com difficuldade — para — casa.

LOGOGRIPHO

Está assim! E' por molestia—6, 7, 4, 2, 9.
Mas saude parece ter—4, 5, 2, 1, 3.
Não se engane, sôr patusco—6, 7, 4, 7, 8, 3.
Fuja d'elle o que puder—1, 2, 7, 4, 3, 8.

E' grande, não ha questão—6, 7, 4, 8, 9.
E por mulher é usada—7, 8, 7, 4, 5, 7.
E' regra não ponha duvida—8, 9, 2, 6, 7.
E' fructa bem delicada—6, 9, 2, 7, 8, 4, 5.

Nos paizes do Levante
D'interprete tem o officio
E creio que este enesejo
Da-lhe grande beneficio

*

1—2—Este homem por sua vez é um planeta.

ANGELUS.

THEATROS

Rio, 22 de Março de 1895.

Voltou de S. Paulo a companhia do Apollo, depois de uma fructuosa excursão por aquelle Estado, e reinaugurou os seus trabalhos com o *Pum!* representando depois o *Abacaxi*, *Nem a tiro*, as *Andorinhas* e a *Vovó*.

A companhia tem em adiantados ensaios a revista de 1894, o *Major*, escripta pelo nosso collega Arthur Azevedo.

*

A companhia do Recreio, depois de dar 17 representações applaudidas do *Rocambole*, cedeu o theatro á actriz Pepa e prepara-se para ir a S. Paulo.

A companhia da actriz Pepa, que conta magnificos elementos, fará a sua estreia com mais uma *reprise* do *Tim tim por tim tim*, e irá inaugurar, dentro de dous mezes, um novo theatro que está sendo construido á rua do Lavradio, o Eden Fluminense.

*

A companhia do Lucinda foi tambem a S. Paulo. A's ultimas datas ficára na Mococa. Logo que volte, porá em scena a revista de anno *Pontos nos is*, de Vicente Reis.

*

No Variedades tivemos o conhecido drama de Victor Séjour, *O filho da noite*, interpretado por Ismenia, Eugenio de Magalhães, Corina, etc. Esta *reprise* tem agradado bastante.

*

O Sant'Anna continúa a variar os seus espectaculos. Estreiou-se n'este theatro, cantando algumas cançonetas, o actor Alberto Pires, que tem vocação e talento, o que não é para desprezar na penuria em que vive o nosso theatro.

*

Estão annunciados os espectaculos da companhia lyrica Demalhia no S. Pedro de Alcantara. Opera de estreia, a *Gioconda*, de Ponchielli.

X. Y. Z.

Allucinação

(A DEUSA)

Não! Tu não és mulher! E's deusa, que fascina,
E tens nos sonhos meus um templo de diamantes
Com lampadarios d'ouro, onde astros coruscantes
Uma faixa de luz nos atam na retina!

Ahi vem adorar-te a multidão divina
De Epopeias, Canções, Poemas saltitantes,
Odes e Madrigaes,—uns hymnos delirantes
De avonas, arrancando é deusa, que os domina.

Estes sonetos meus em encantado bando
As azas de saphyra, alegres, agitando,
A luz que as vem cobrir de estrellas furta-côres,

Vão, quaes filhos genfis de fadas e princezas,
Com urnas de rubis, topazios e turquezas.
Enchendo o templo teu de aromas e de flores...

1885

HORACIO GUTERRES

ECONOMIA DOMESTICA

Podim de gemmada

Batem-se cinco gemmas de ovos com cinco colheres de farinha de trigo, meia garrafa de leite, sal, e duas colheres de manteiga; ferve-se, mexendo-se continuamente; estando a ferver, ajunta-se mais uma quarta de amendoas descascadas, uma quarta de assucar e uma colher de agua de flôr de lorangeira; mistura-se bem, e deita-se em uma fôrma untada com manteiga; assa-se no forno e serve-se depois de coberto, com assucar e canella.

Raciocinio

I

Os meus companheiros de internato no hospital recordar-se-hão toda a vida do velho Celipe Bragas, que foi nosso continuo até que ao dia em que um seu protector lhe conseguiu o logar de coveiro no cemiterio geral do Sul, e a quem no hospital, e mesmo fóra d'elle, todos conheciam pelo *Raciocinio*. Era homem que via sem pestanejar todas as atrocidades da casa de operações. Ninguém como elle segurava perna que houvesse a amputar, nenhum empregado do hospital sabia como elle arengar aquelles a quem qualquer accidente ali conduzia.

—Raciocinio em como poderia ter sido mais gráve, dizia invariavelmente;—porque? para que nos serve então o raciocinio, homem?

O abuso do raciocinio tinha-lhe acarretado a alcuinha, e todos nós esquecemos que elle pudesse ter possuido outro nome. Unicamente exigia ás irmans da Caridade que o tratassem pelo seu nome proprio, aquellas a quem o seu espirito de besta livre-pensadora não podia tolerar.

—Chamo-me Celipe Bragas, dizia asperamente quando alguma se servia do epitheto para reclamar-lhe a presença.

As irmans, por fim, começaram a evital-o, como a touro tresmalhado, e que pouco ou nada lhe impor-

tava, pois fazia o raciocinio, etc.; valeu-lhe isso porem, uma especie de isolamento em que foi cahindo a mais e mais. Passava as horas do dia no pateo, ao calor do Sol, e só sahia a noite, quando não estava de serviço. Aos internos prestava pequenos favores. Ia comprar cigarros, levar recados ao café proximo ou entregar qualquer carta aonde o mandassem. Estes serviços sabia fazel-os como nenhum outro. O seu caracter pouco expansivo não se prestava a conversas: pedia, pagava, estando de volta em cinco minutos.

Como nós ninguem conhecia qualquer outro pormenor da existencia de *Raciocinio*, até que uma eventualidade nol-o mostrou bem diferente do que aquillo que até alli se nos afigurava.

Com espanto geral soube-se uma noite que aquelle bruto tinha uma filha formosissima, e que essa criança estava doente, com variola. Isto contou-o a irman Ventura, a que *Raciocinio* se dirigiu com a papelleta de entrada, de cabeça descoberta, livido, silencioso, tão outro do que sempre se mostrara que a irman ao vel-o fez o signal da Cruz.

II

D'isto resultou o saber-se que vivia com a filha, em habitação ignorada, fóra do hospital, e que a rapariga era o evangelho d'aquelle homem sem religião, a senhora absoluta d'aquelle ser livre que combatia rudemente, quando vinha á conversa, toda e qualquer forma de auctoridade.

A rapariguinha adoecera. caminhando a doença rapidamente, o que aterrou *Raciocinio* que sabia, por estar farto de vel-o, como começavam as febres eruptivas. O pobre Bragas deffinhou-se, veio a terra como o edificio solido a que faltasse de repente a argamassa; e angustiado, mudo, terrivelmente afflicto, envolveu a enferma n'um chale, conduzindo-a ao hospital. Entrou na casa do piquete, com os olhos lacrimosos e esgaseados, gesticulando nervosamente, e contou-nos a pressa o que succedia. Commoveu-nos a todos o vel-o em tal estado, e tanto que immediatamente o seguimos á enfermaria dos variolosos. O pobre Bragas arrastava-me, nervoso, segurando-me pela blusa.

A rapariga estava deitada, vendo-se-lhe apenas o rosto sobre o travesseiro branco. Morena, muito morena, era mais do que bonita, e tinha, sobre tudo, dois olhos como duas cisternas—negros e profundos.

O selvatico Bragas curvou-se sobre a filha, beijando-a, mas ergueu-se de prompto e disse:

—Está cheia de febre.

E estava, ainda que não a impedindo de reconhecer o pae, dizendo-lhe valorosamente:

—Não se affija, meu pae, que isto não é nada.

III

Pela irman Ventura tivemos o conhecimento de que Bragas passara a noite sem arredar pé de junto da filha, fitando-a sempre. Quando fui vel-a pela manhã reconheci com grande magoa que não passaria do dia immediato. Não sei explicar como Bragas me olhou,



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbullhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanêe-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceva jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, e de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 51 à PARIS.**

Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sol o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEE CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

LA PATE ET LA POUDEE MANODERMALE DE NINON
lara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleiros de França e do estrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial

PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

Perfumaria

E. COUDRAY

PÓS DE ARROZ

Magnolia — Opoponax — Lacteina
Heliotropo branco
Edelveiss — Velutina superior.

Perfumaria de Lacteina
Oleo de Quina Agua divina
Perfumaria Primavera
Bouquet choisi Perfume para o Lenço

PARIS — 13, Rue d'Enghien — PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleretros da America.

Espartilhos
DA CASA

DE VERTUS SŒURS
PARIZ

A afamada casa **DE VERTUS SŒURS** acaba de aperfeçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

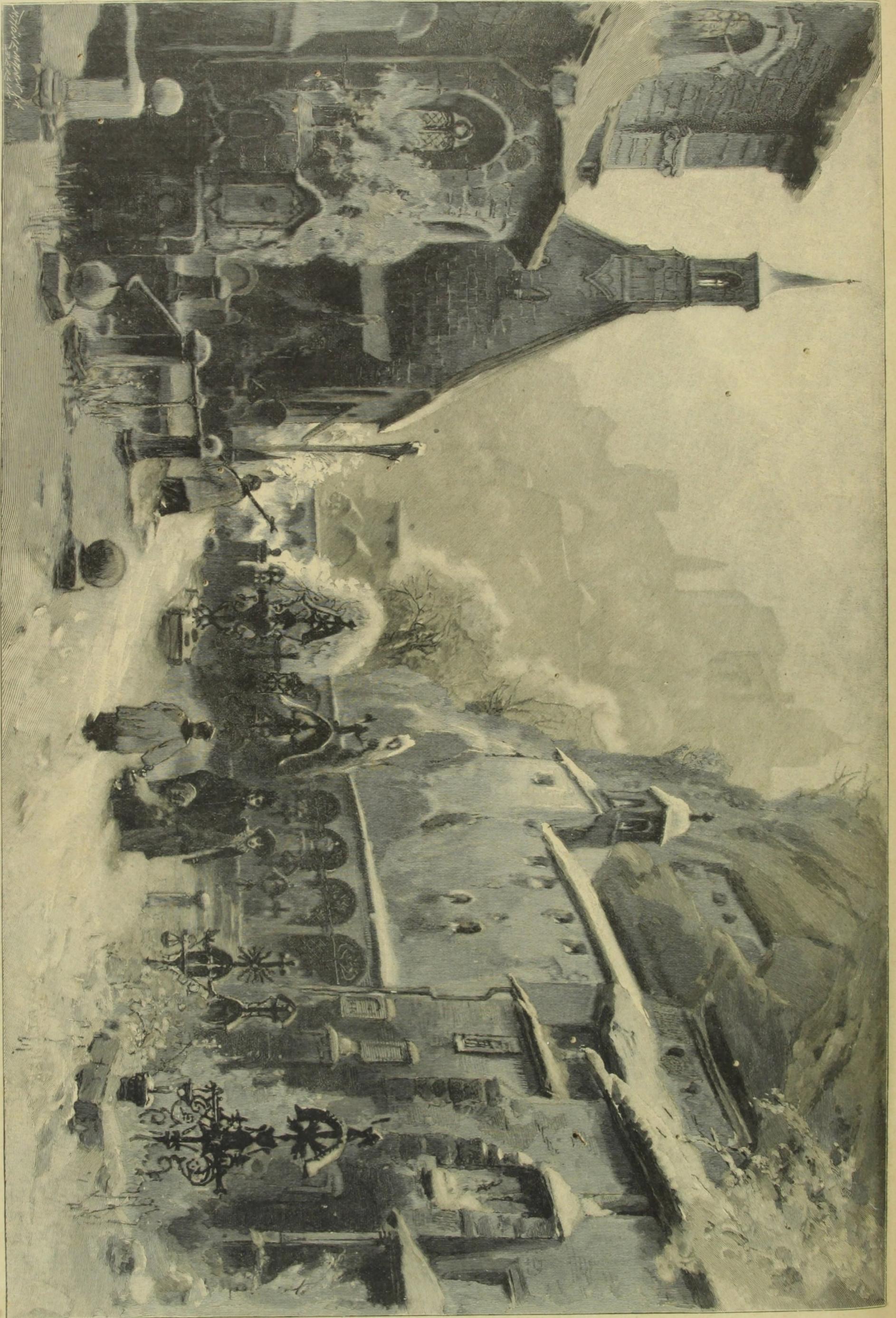
O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA



O CAMPO SANTO EM SALZBURGO

quando terminei a visita, e cobri a doente, bebendo com o oihar acobardado o menor movimento da minha physionomia.

—Nada,—disse para lhe dizer alguma coisa;—veremos amanhã.

Fui até o outro extremo da sala: pude ver o Bragas que se escondia por detrás do armario da roupa branca, sem duvida para chorar á vontade, e que a irman Ventura o seguia fallando-lhe carinhosamente, como para o tirar d'alli; elle, porém, acocorou-se no solo, collocando a cabeça entre as mãos convulsas, e permaneceu immovel.

A rapariguinha morreu, como eu previra, na tarde seguinte, pelas cinco horas, ao anoitecer de um dia de inverno cinzento e silencioso. Antes de morrer, porém, quando, Bragas já não restava duvida sobre o proximo desenlace, permittiu-nos ver a dôr mais tremenda que tinhamos presenciado n'aquella sala.

Esqueceu-lhe que nos era impossivel lutar contra a doença, e de joelhos arrastou-se deante de nós todos, pedindo o que era impossivel dar-lhe, ajoelhou aos pés da irman Ventura, beijando-lhe o habito, como a uma santa capaz de fazer o milagre; e tão grande foi a sua desolação, que passamos á saleta dos internos, silenciosos, com os olhos trementes e as almas alanceadas.

IV

Todos concordamos na necessidade de entregar a Bragas sua filha para que a enterrasse intacta, livrando-a da profanação do curso cirurgico. Elle e outro continuo conduziram o cadaver ao cemiterio do Sul, enterrando-o ali.

Quando Bragas voltou, já noite feita, encontrei-o n'um corredor, junto a parede e contemplando o solo. Amedrontou-me a expressão de feroz resignação que se lhe estampava no rosto, e affastei-me sem dizer palavra.

Consegui logo, como tive occasião de dizer, um logar de coveiro no cemiterio do Sul, aonde a filha repousa, para estar sem duvida mais perto d'ella.

A ultima vez que o vi foi lá, indo eu assistir ao enterro de um interno. Cumprimentou-nos sem nada

dizer, tirando apenas o bonet. Um dos empregados do hospital pousou-lhe a mão no hombro, dizendo-lhe em tom de carinhoso gracejo:

—Que é isso, Celipe? Para que te serve raciocinio, homem?...

Bragas não replicou: fitando-o com dois olhos como punhaes, afastou-se. Sabia já que para certos transees da vida não ha raciocinio possivel!

FREDERICO URRECHA.

No Estio

Após as tardes gelidas, sombrias,
As merencorias ncites hibernas,
Eis-nos chegados aos formosos dias
Em que se enchem de flôres os rosaes.

Fazem ninhos das telhas nos beirae
As andorinhas, bellas erradias,
Que fogem quando sopram temporaes
E voltam na estação das alegrias.

Sorri a natureza descuidosa,
A brisa passa meiga e bonançosa
De leve pelas ramas verdejantes;

Geme o regato placido e dolente,
E tudo é bello, e tudo vive e sente
Da quadra estiva aos beijos provocantes.

JULIETA DE M. MONTEIRO

Rio-Grande do Sul.

Excerpto de uma carta

A MEU TIO LUIZ DE B. BARREIROS

A noticia do fallecimento da Carólinha, veio contristar-me—a mim que não sou seu parente e que mal conheci essa pobre creança que acaba de clevar-se ao ceu, de onde descera, n'aquella ridentissima quinta de Santa Martha, na Vianna miçhota, junto ao Lima.

E' que esse creança, que ainda não ha muito vi, já minada pela tysica, pallida, debil, melancolica, representava para mim alguma coisa de precioso e casto—a recordação de um tempo que já vae longe; do melhor tempo que a Vida nos permite, da Infancia descuidada e alegre que perdemos—ai—para não mais possuir. A morte de hoje traz-me a memoria uma outra morta, sua companheira de collegio, sua amiga, —a minha irmãsinha, a Lina, que ha já alguns annos dorme o seu somnito de neve n'aquelle cemiterio d'Agramonte, florido e bem cuidado, aonde repuseram todos os nossos, e cujo numero—ai de mim!—dia a dia se vae avolumando.

Noticias tristes trazem, de envolta com outras tambem tristonhas, recordações alegres. E' em virtude d'isto que ao meu espirito assoma, bem clara, a ultima distribuição de premios a que assisti no collegio em que as duas creanças—a Lina e a Carólinha—eram educadas. Recordo-me bem do acto festivo que presenciei, do spectaculo bizarro que offerecia á vista o conjunto das collegiaes, quasi todas de branco, todas risonhas e felizes, ali, junto das familias que sorriam, acariciando-as com os olhares, felicitando-as meigamente pelos seus pequeninos triumphos. Parece que foi hontem e já lá vão tantos annos...—que tristezas! Como a gente envelhece!

Quando a Lina morreu—estava então bem longe do nosso Douro—as suas amigas do collegio quizeram prestar-lhe homenagem condigna dos seus corações innocentes e foram todas acompanhar o prestito, vestidas de branco, chorosas,—pombas feridas pela morte de outra pomba, anjos pranteando a morte de outro anjo.



O ARCHIDUQUE FRANCISCO D'ETE, HERDEIRO DO THRONO DA AUSTRIA

